

A REPRESENTAÇÃO DE LEITURA ENTRE VERSOS E PALAVRAS

Ilsa do Carmo Vieira Goulart¹

Sabe-se que o processo da leitura acontece de forma variada, move-se por interesses, objetivos e modos distintos, marcada pela complexidade, dinamicidade e efemeridade, o que impulsiona ao objetivo de se refletir e descrever quais representações de leitura apresentam-se dispostas em textos de escritores de literatura que, por trabalharem diretamente com as palavras escritas, por utilizarem da atividade de leitura como ferramenta para a produção textual, apresentam uma definição de leitura, não apenas como um ato de fruição, mas como um processo de interação, cerceada pela intencionalidade e literalidade.

Para tanto, busca-se, por meio de excertos de textos do escritor Bartolomeu Campos de Queirós, por apresentar e descrever, de modo literário, uma representação do ato de ler. A reflexão teórica apoia-se na concepção de leitura como prática social descrita por Chartier, tecida no viés da discursividade em Bakhtin, juntamente com outros autores, que contribuem para uma interlocução da discussão proposta.

O conceito de leitura entre a representatividade e discursividade

Se outrora a leitura era percebida como um ato de decifrar sinais gráficos, hoje sua compreensão apresenta-se de modo mais abrangente, Martins (1986, p. 30), sinaliza que se trata de um “[...] processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem”. Esta definição abre espaço para a reflexão de dois aspectos considerados determinantes para a compreensão da leitura de modo mais abrangente: o primeiro refere-se à leitura como *processo*, que permite a ideia de que ler não é um ato único e acabado em si mesmo, mas decorre de várias ações e interações internas e externas do sujeito com o objeto lido. Outro remete à *linguagem*, ou de modo mais recente *linguagens múltiplas*, que figura à ideia de a cultura letrada se articula em modos diversos de expressão, seja escrita, oral, simbólica, virtual, musical, gestual, corporal, iconográfica, exigirá do sujeito uma ação leitora.

Entendendo que a leitura é um processo que ultrapassa a dimensão textual, em que o leitor assume um papel ativo e atuante, Martins (1986, p. 33) entende que “[...] a leitura se realiza a partir de um diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonora, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento”.

A compreensão de leitura parece ganhar um campo alargado da discursividade, o que se mostra nos estudos de Cosson (2014, p. 36), que ao apresentar uma concepção de leitura, o faz por meio de aproximações do contexto multifacetado dos meios de comunicação e de tecnologia, delineando que a leitura “[...]consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores”.

O ato de ler recebe uma compreensão mais abrangente quanto na “experiência com o outro”, remete à ideia de que este outro não se resume apenas entre leitor e escritor, ao contrário, figura a imagem de corpo social, que pode estar na comunidade de leitores ou estar em lugares alhures, num “[...] concerto de muitas vozes e nunca um monólogo”, conforme descreve Cosson (2012, p. 27).

A compreensão da leitura como produção de sentidos percorre o plano da discursividade, que oscila entre a *individualidade* à *literalidade*. Na *individualidade* compreende-se a ação do

¹ Universidade Federal de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil. E-mail: ilsa.goulart@ded.ufla.br.

leitor consigo mesmo com e sobre o objeto lido. Este aspecto fora observado por Chartier (2001), entre os séculos XVIII e XIX, no norte da Europa, como uma novidade ao ato de ler, os textos eram lidos numa relação de intimidade, de forma silenciosa e individualmente.

Na *literalidade* confabula-se os modos de produção textual, outrora publicado, em posse de uma escrita pensada e planejada, organizada e determinada pelo autor e/ou pelo editor, com um objetivo específico, firmado na materialidade dos impressos, regulando uma determinada forma de ler.

Na tentativa de se conter uma leitura um tanto individualizada, provocadora de “voos imaginários” pelas páginas do conteúdo impregnado na escrita um dia deixada nos impressos, ocorre uma ação controladora estabelecida e imposta pelo uso de determinadas palavras, expressões, tipografias, dispositivos textuais e tipográficos utilizados, intencionalmente, pelo autor ou pelo editor, para produzir certa leitura. Entretanto, aquilo que se dá a ler, que se põe à análise, ganha significação através da ação leitora e altera-se conforme muda o leitor. Se a existência do texto se atribui de modo substancial pela atuação, pela criação e pelo concatenar das ideias do autor, por outro lado seu significado e compreensão, ou melhor, a “concretização existencial” do escrito acontece em plano distinto, visto que a palavra escrita “[...] torna-se texto somente na relação à exterioridade do leitor, por um jogo de implicações e de astúcias entre duas espécies de ‘expectativa’ combinadas: a que organiza o espaço *legível* (uma literalidade) e a que organiza uma *démarche* necessária para a efetuação da obra (uma leitura)”. (CERTEAU, 2007, p. 266).

Neste sentido, a compreensão da leitura perpassa a relação entre leitor e texto entendendo que é nessa tensão da relação entre o leitor e o texto que ocorre a leitura. A apropriação do texto acontece na interação entre leitor-texto, não se constitui somente pelo leitor, nem tão pouco pelo escrito, mas na relação de trocas e de tensões deste encontro. Assim, sob esta perspectiva Chartier (2002, p. 123) define a leitura como uma “[...] prática criadora, actividade produtora de sentidos singulares, de significação de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou fazedores de livros”.

O leitor é pensado pelo autor, pelo editor, pelo comentador de uma obra, os quais conduzem a uma compreensão pré-determinada, a uma “leitura autorizada”. Assim, ao efetuar uma operação leitora sobre os enunciados de excertos de textos e poemas, a pesquisa se colocará frente ao campo das representações dos ideários e do imaginário que circundam o campo da produção, pelos modos como a leitura apreendida e vivenciada em experiências de leitura e em práticas pedagógicas, no caso, o autor da obra.

É nesse contexto que Chartier (2002) apresenta o conceito de “representação”, que se torna uma ideia determinante da nova história cultural, permitindo vincular as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos ou grupos se percebem e percebem o que os envolve.

Chartier (2002) aponta que as representações não ocupam um *status* entre ser ou não, imagens verdadeiras ou falsas de uma realidade externa, mas possuem uma força própria que conduz à crença de uma realidade externa a partir daquilo que acredita que é. A representação pode ser vista como uma produção que rompe com a sociedade e se incorpora ao indivíduo.

No processo de produção de sentidos, conforme descreve Bakhtin (2003, p. 294), a palavra passa a existir para o sujeito, seja ele falante, escrevente ou leitor, em três aspectos: como decorrente da língua, pertencente a ninguém, por ser de uso comum de todos; como alheia dos outros, repletas de ecos enunciativos de outros; e como sua por utilizar-se dela em uma determinada situação, de um determinado modo, a palavra se mostra carregada de uma expressão característica do sujeito, torna sua propriedade.

Ao tomar como base a concepção de linguagem como processo discursivo, permite ao texto uma reflexão da atividade de leitura como um ato dialógico. Bakhtin (2006) nos explica

que os enunciados são determinados não só pela forma linguística (a escrita, a sintaxe, a entonação, o som), mas por elementos não-verbais da situação. Esta situação dialógica interior com os textos movimenta a multiplicidade de significações das palavras, é neste campo de discussão que Bakhtin (2006, p. 136) apresenta o conceito de compreensão é ativa, por conter o “germe de uma resposta”. A leitura trabalha diretamente com o ato de compreensão, na produção de sentidos. Se compreender o enunciado de outrem corresponde a um posicionamento e um direcionamento frente a ele, é considerá-lo como forma de diálogo.

A leitura descrita em versos e palavras

A opção em trabalhar com a representação de leitura, na perspectiva da linguagem como processo discursivo, concretiza-se pelo fato de permitir uma aproximação com o que Chartier (2002) descreve como produção que se distancia do social e se incorpora ao sujeito, pretende refletir sobre uma definição de leitura não vista como única e acabada, mas que parte de uma situação vivenciada e, a partir dela, cria-se uma data realidade da *individualidade à literalidade*. A proposta de reflexão busca em excertos de textos, sinalizar as vozes de uma ideia a que se remetem, o que não há uma verdade em si mesma, mas uma representação sobre o ato de ler.

Para melhor discorrer sobre as diferentes representações da atividade de leitura, optou-se pela aproximação de excertos de textos de Bartolomeu Campos de Queirós, escolhidos para compor esta reflexão, por versarem sobre a temática da leitura.

Observa-se no excerto do texto *Entre paredes*, de Bartolomeu Campos de Queiros, que o escritor a articular uma definição para o ato de ler, descreve uma situação de vivência da atividade de leitura que perpassa uma relação introspectiva entre o leitor (eu-lírico) e o texto:

Eu abria o livro e soletrava, vagarosamente, cada palavra. Elas invadiam o mais fundo de mim instalando novos anseios, diferentes obstáculos e tantas paredes. Mas com o livro eu atravessava os muros, rompia com o caminho dos fantasmas, penetrava no entendimento possível a mim. Todo livro era uma parede que ao me revelar o escondido me propunha outros encontros. A leitura me desequilibrava. Cada metáfora estreava mais ambiguidades e, conseqüentemente, mais escolhas. (QUEIRÓS, 2012, p. 45).

O texto incitando uma autobiografia, delineia o ato de ler como uma situação provocativa, que possibilita ao leitor um incômodo ou conflito interno, por atuar diretamente nas áreas cognitiva e afetiva, permite ultrapassar as barreiras de conhecimentos ainda não consolidados, até mesmo obscuros. O texto sugere uma representação de leitura a partir de uma ideia de movimento interior, de perscrutação, de reflexão e análise, em que as palavras criam diálogos interiores, entre sujeito e conhecimentos interiorizados.

Ter um livro em mãos é inscrever-se nas orações que configuram o texto literário. Ler é povoar o silêncio, é reconhecer-se como um ser propício à solidão. Ler é confirmar-se como um ser solitário, mas, mesmo assim, condenado a procurar encontros, coesões, laços. Ler é um exaustivo trabalho mental. (QUEIRÓS, 2012, p. 91).

Neste excerto extraído do texto, *Ler é deixar o coração no varal*, Queirós explora a ideia de “conflito interior” em relação a dois aspectos. Um referente ao rompimento com o que pode ser delineado como as limitações das relações interpessoais: o sentimento de solidão. A atividade de leitura rompe com a ideia de estar ou sentir-se só; rompe com a ideia de inquietude

pelo sentimento de abandono, ou por sentir-se perdido nas implicações do distanciamento de outros.

Outro aspecto parece estar relacionado ao trabalho da intelectualidade, em que a leitura é compreendida como uma atividade de esforço intelectual, como uma atividade que requer estudos, pesquisas e reflexões, que, muitas vezes, torna-se exaustivo ao sujeito, por exigir um grau elevado de concentração, memorização, atenção e estabelecimento de relações.

Ler é amarrar-se a outras circunstâncias e fraternizar-se com elas. Ler é tomar fôlego em face dos mistérios e enigmas que configuram o direito à vida. Ler é resignar-se diante da democracia do tempo que corre sempre. Ler é descobrir-se na experiência do outro. E, muito mais, ler é experimentar os deslimites da liberdade e equilibrar-se no mundo, tomando como alicerce as sutilezas das divergências. Ler é o preço que pagamos por sermos alfabetizados. (QUEIRÓS, 2012, p. 91).

No enunciado “descobrir-se na experiência do outro”, o verbo “descobrir-se”, corresponde a uma ação reflexiva: o descobrimento de si mesmo, que remete à ideia de que algo estava antes encoberto, mas que também indica o ato de *reconhece-se*, de *perceber-se* em relação àquilo que ainda não se havia notado. Tais enunciados remetem a própria ação dialógica do texto. Para Bakhtin (2006, p. 137), os sujeitos agem com e sobre a palavra, de modo a “[...] compreender a anunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente”. Ao compreender construo a significação, teço o meu diálogo com o texto, me posiciono frente ao discurso do outro.

Considerações finais

Procurou-se por meio de uma reflexão sobre o que se compreende por leitura, abrir um espaço de articulação de ideias que circundam o ato de ler. Assim parece pertinente trazer a ideia de Proust (2003, p. 27), quando apresenta uma reflexão que remete ao conceito de leitura como uma comunicação, mas que acontece na individualidade do ser. Para o autor a leitura não pode ser comparada a uma simples conversação entre autor e leitor, como uma conversa entre amigos, visto que [...] a diferença essencial entre um livro e um amigo, não é sua maior ou menor sabedoria, mas a maneira pela qual a gente se comunica com eles”.

Para Proust (2003, p. 27) a conversação daria a ideia de um diálogo, mas sem a presença do outro, pois a leitura permitiria receber a comunicação e continuar a desfrutar do “[...] poder intelectual que tem na solidão e que a conversação dissipa imediatamente”. Uma concepção que contribui ao autor, descrever que a leitura neste “milagre fecundo” de uma comunicação que acontece na solidão, ser algo mais do que podemos compreender.

Se nenhuma palavra é solitária e remete o leitor ou o ouvinte para além de si mesmo, conforme descreve Queirós (2012, p. 68), ao optarmos por apresentar algumas representações de leitura, na perspectiva da linguagem como um processo discursivo, promove-se uma relação entre a pesquisadora e os excertos de textos, a partir de uma ideia a que se remetem. Esta relação dialógica aguça a compreensão do processo de leitura, quando ao relacionar e comparar fragmentos dos textos, permite identificar que entre o leitor e o texto, ocorre em movimentos discursivos (des)contínuos, inebriantes e fugazes.

Assim, relacionando e comparando excertos de textos foi possível identificar e apresentar uma situação dialógica descrita pelo eu lírico que parece permear o ato de ler a partir da interioridade, da coletividade e da multiplicidade da linguagem escrita.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikahailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. 4. ed. Tradução Ephaim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Trad. M. M. Galhardo. Lisboa: *Difel*; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade. 2001.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentido. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2003.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de; ABREU, Júlio (Org.). **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.